



Edmilson Teixeira da Silva

O pioneiro chegou à cidade só ficar alguns meses e não saiu n

Estreita ligação com os trabalhadores da construção

Arquivo pessoal



EDMILSON COM A TURMA QUE VEIO DO RIO E QUE, DURANTE SEIS MESES, OCUPOU SOZINHA O PRÉDIO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO NA ESPLANADA

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando a oportunidade de mudar-se definitivamente para o Distrito Federal surgiu, Edmilson Teixeira da Silva, 83 anos, não pensou duas vezes. Aceitou de imediato. A simpatia pela hospitalidade dos goianos e a admiração pela região do Cerrado e cidades como Alexânia, Cristalina e Anápolis eram antigas. Começaram cerca de 15 anos antes da inauguração da nova capital.

Na década de 40, o maranhense de São Luís trabalhava como técnico de cristal de rocha do Esforço de Guerra do governo norte-americano. Por isto, visitava a região do Planalto Central à procura de matéria-prima que pudesse ser utilizada na produção de armamentos.

Em 1958, como auxiliar do programa ETA 44, convênio entre o governo brasileiro e os Estados Unidos para implementar a plantação do capim braquiária no país, esteve novamente na região. Desta vez, entretanto, chegou mais perto da futura capital federal, pois o escritório onde trabalhou por um ano ficava na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante). "Vivi intensamente o clima da construção da cidade", conta. "O comércio feito em barracos de madeira, centenas de nordestinos chegando

todos os dias e a poeira vermelha que levantava no céu e assustava a todos", completa.

Nesta época, Teixeira era funcionário do Ministério do Trabalho, lotado no Rio de Janeiro, mas não imaginava que em breve seria transferido para a nova capital. A mudança aconteceu em dezembro de 1959. O ministério planejava realizar a primeira festa do trabalhador, no dia 1º de maio, em Brasília e passou a responsável ao maranhense, que também era técnico em recriação operária e tinha contato com vários artistas da época.

Durante três meses, Teixeira ocupou um apartamento de três quartos na 107 Sul, junto com outros quatro funcionários do ministério, como José Gomes Talarico, que na época era chefe da sala de imprensa do órgão no Rio de Janeiro. O ministério havia anunciado a formação do primeiro grupo de funcionários a serem lotados em Brasília. Teixeira, assim como outras 14 pessoas, ofereceu-se a uma das vagas, mas sua idéia era passar alguns meses na cidade para ver se se adaptaria à nova situação. Enquanto isso, organizaria o

show, que foi realizado em frente à Novacap, no acampamento da Metropolitana, onde hoje está o Setor de Garagens.

No final de abril, pouco antes do espetáculo, que trouxe para a cidade nomes como Grande Otelo, Russo do Pandeiro, Erivelton Martins, Rosita Gonçalves e Pernambuco do Pandeiro, Teixeira mudou-se com a família para um apartamento na 108 Sul. O bloco estava quase pronto. O apartamento impressionava pelo espaço, bem maior que o local onde moravam no Rio de Janeiro, e os móveis eram doados pelo Grupo

de Trabalho de Brasília (GTB). Bastava informar o número de integrantes da família para que o órgão providenciasse todo o mobiliário necessário. Para permanecer no imóvel, a família pagava uma taxa de ocupação irrisória.

Unidade Vizinhança

Na quadra comercial da 108, já existiam alguns estabelecimentos abertos, como a Casa das Meias, a Brasilar e o primeiro cartório de Brasília, o Maurício Lemos. A igreja de Nossa Senhora de Fátima, mais conhecida como igrejinha, também já estava construída. O que faltava, como em todo o Plano Piloto, era um espaço de lazer e confraternização. Daí surgiu a idéia de fundar o Clube de Unidade Vizinhança.

Teixeira e alguns moradores da quadra tomaram a iniciativa de sugerir à Novacap, em 1962, a construção de um clube em cada quadra do Plano Piloto, com piscinas, quadras de jogos e salões de festas. A Novacap não demorou a dar início às obras do primeiro, na 108 Sul. O projeto de construir os outros clubes, porém, não teve continuidade. "Acho que faltou iniciativa dos moradores das outras quadras, porque o governo em Brasília, naquela época, estava disposto a qualquer idéia que ajudasse a fixar as pessoas aqui", diz Teixeira.

m atribuição de organizar a primeira festa do Dia do Trabalho na nova capital. Veio para nais, transformando-se em um canal de ligação entre os operários e o governo federal

EDMILSON COM A FAMÍLIA, QUE O ACOMPANHOU NA AVENTURA DA MUDANÇA PARA BRASÍLIA



Amigo dos candangos

Durante os primeiros seis meses de trabalho em Brasília, em 1960, Teixeira e o grupo que chegará do ministério no Rio de Janeiro trabalhavam sozinhos no bloco 10 da Esplanada dos Ministérios. Não dava nem para sentir que a nova capital já havia sido inaugurada.

Uma medida tomada por Teixeira ajudou a movimentar o edifício e aproximar os trabalhadores que aqui estavam do governo federal instalado. Para evitar aglomeração nos institutos, responsáveis pela contratação dos candangos, pediu que todos fossem encaminhados ao ministério e que as vagas fossem dadas preferencialmente a pessoas encaminhadas pelo órgão. Os caminhões das empresas envolvidas com a construção da cidade ajudariam no transporte das pessoas para a Esplanada.

A cada dia, cerca de 60 pessoas desembarcavam em Brasília à procura de emprego, esperançosas pela mudança de vida que a inauguração da cidade sugeriu à população do país. O governo não se preocupava com o êxodo porque os institutos que construíram as quadras e outros prédios precisavam de mão-de-obra numerosa.

Enquanto os candangos não eram admitidos em nenhuma

obra, o Ministério do Trabalho garantia as refeições diárias por intermédio do SAPS, programa iniciado no governo de Getúlio Vargas, que fornecia alimentação a preço de custo aos trabalhadores.

Quando as construções foram sendo concluídas, os candangos, aos poucos, iam sendo reintegrados ao mercado de trabalho no comércio que começava a surgir. Teixeira diz que oficinas, bares e até boates eram montados em barracos de madeira, nos espaços desocupados das ruas, como a avenida L2 Norte, que demorou a ser concluída.

Sempre preocupado em melhorar a vida dos trabalhadores que ajudavam na construção de Brasília, Teixeira terminou virando um ponto de referência dos candangos no Ministério do Trabalho. Qualquer problema ou necessidade era repassada a ele, que se empenhava em resolver, mesmo que de maneira improvisada.

Para atender aos trabalhadores dos acampamentos da Vila Planalto, por exemplo, Teixeira passou a projetar filmes numa tela

66
**VIVI INTENSAMENTE
O CLIMA DA
CONSTRUÇÃO DA
CIDADE. O
COMÉRCIO FEITO EM
BARRACOS DE
MADEIRA,
CENTENAS DE
NORDESTINOS
CHEGANDO TODOS
OS DIAS E A POEIRA
VERMELHA QUE
LEVANTAVA NO CÉU
E ASSUSTAVA A
TODOS 99**

ao ar livre, feita por um lençol branco amarrado em duas estacas de madeira. O projetor ficava no jipe que o transportava pelo Distrito Federal. A iniciativa agradou tanto, que o cinema improvisado passou a percorrer outras cidades, como Taguatinga.

Em 1962, o maranhense ganhou o carinho da população de outra cidade, o Gama, levando para lá a bateria da Escola de Samba Portela. Em outra oportunidade, conseguiu a liberação de um espaço na cidade para a abertura de um cinema, na avenida principal. "Fui ao Gama pela primeira vez porque tinha amigos do ministério que viviam lá", conta. "Mas terminei me apaixonando pelo lugar e me aproximando cada vez mais das pessoas que moravam lá", conclui.

A afeição recíproca fez com que em 1963 os trabalhadores do Gama o levassem de caminhão para a frente da Esplanada, solicitando ao presidente João Goulart que o nomeasse prefeito do Gama. A promessa foi feita, mas nunca foi cumprida pelo prefeito de Brasília na época, Ivo Magalhães.

Raio X

Nome: Edmilson Teixeira da Silva
Idade: 83 anos
Origem: São Luís, Maranhão
Ano de chegada a Brasília: 1959
Profissão: Funcionário público aposentado
Esposa: Dalgisa Bittencourt da Silva
Filhos: Cláudio e Edmilson
Netos: Marcelo, Sérgio, Bruno, Gustavo, Ricardo e Eduardo
Bisnetos: Felipe e João